

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2019.Vol6.N59.pp45-64>



Cristiane Dalzoto Bueno

Acadêmica de Licenciatura em Artes Visuais na
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

E-mail: dalzotocristiane@gmail.com

Livia Keiko Nagao de Medeiros

Acadêmica de Licenciatura em Artes Visuais na
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Graduada em Tecnologia em Alimentos (2016) pela
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

E-mail: livanagao@hotmail.com

Maria Cristina Mendes

Professora Adjunta no Departamento de Artes da
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

Doutora em Comunicação e Linguagens na
Universidade Tuiuti do Paraná - UTP/ PR.

<https://orcid.org/0000-0002-7259-232X>.

E-mail: mariacristinamendes1@gmail.com

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Resumo

O objeto de investigação do artigo é o filme *!Women Art Revolution (!WAR)*, dirigido por Lynn Hershman Leeson e lançado em 2010, no 35º Festival Internacional de Cinema de Toronto, no Canadá. O documentário, cuja duração é de 83 minutos, contém relatos de mais de 40 artistas mulheres, responsáveis por introduzir os movimentos feministas no campo das Artes Visuais, ao longo das décadas de 1960 a 1980. O objetivo da pesquisa é identificar estratégias adotadas para a inserção das mulheres em mostras de arte e produções artísticas, identificando os movimentos que nortearam tais transformações socioculturais. A metodologia utilizada no artigo parte da análise fílmica se direciona para a seleção de trechos que enfatizam a atuação de grupos de mulheres, e culmina com a reiteração de dados em livros, artigos e sites. A investigação se justifica por possibilitar um aprofundamento acerca da problemática da presença feminina no âmbito das artes visuais, potencializando discussões que destaquem as lacunas na história da arte e a parca presença de obras de mulheres em coleções de arte. Além de depoimentos das artistas, são destacadas reflexões de Griselda Pollock, Luana Saturnino Tvardovskas e Talita Trizoli.

Palavras-chave: *Women Art Revolution (!WAR)*. Artes Visuais. Feminismo. Documentário cinematográfico.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): Hershman Leeson's film on female presence in the Visual Arts

Abstract

The object of investigation of the article is the movie !Women Art Revolution (!WAR), directed by Lynn Hershman Leeson and released in 2010 at the 35th Toronto International Film Festival, in Canada. The documentary, which lasts 83 minutes, contains reports of more than 40 female artists, responsible for introducing feminist movements in the field of visual arts, from the 1960s to the 1980s. The aim of the research is to identify strategies adopted for women's insertion in art shows and artistic productions, identifying the movements that guided such sociocultural transformations. The methodology used in the article begins with the film analysis, is directed to the selection of excerpts that emphasize the performance of women's groups, and culminates with the reiteration of data in books, articles and websites. The research is justified for it allows a deepening of the problem of female presence in the visual arts, enhancing discussions that highlight the gaps in art history and the small presence of women's works in art collections. In addition to the artists' testimonies, reflections by Griselda Pollock, Luana Saturnino Tvardovskas and Talita Trizoli are highlighted.

Keywords: !Women Art Revolution (!WAR). Visual Arts. Feminism. Film documentary.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Introdução

O documentário *!Women Art Revolution (!WAR)* tem a duração de 83 minutos e foi lançado em 2010. Dirigido e narrado por Lynn Hershman Leeson, compila depoimentos de cerca de quase quarenta pessoas¹, explicitando experiências, relatos e dados de mulheres que dedicaram suas vidas tentando fazer parte do mundo artístico entre os anos de 1960 e 1980. As experiências destas mulheres colocam em xeque a visibilidade feminina na produção das artes visuais, bem como explicitam as maneiras encontradas para a inserção do feminino no circuito de arte contemporânea. Pretende-se tecer relações entre as produções artísticas apontadas no documentário e o crescente movimento feminista da época.

No filme, são abordadas questões sobre as estratégias que as artistas encontraram para se reinventar ao longo dessas três décadas, deixando de acreditar que somente homens poderiam fazer parte do meio artístico e da história da arte. Ao modificar as formas como as mulheres eram apresentadas até então, tais artistas conseguiram alterar o panorama das artes do período, abrindo espaço para as novas gerações de mulheres artistas.

Espaços e programas criativos como o *Womanhouse*, *Woman's Building* e o *Feminist Art Program*, destacados no documentário, foram de extrema importância para que as mulheres se unissem e produzissem, de forma crítica, novas representações que refletissem questões acerca de suas próprias vivências. São destacadas as contribuições do *Feminist Art Program* para a visibilidade de mulheres na arte, através da potencialização de diálogos entre as artistas e os demais segmentos do mundo da arte.

1 As pessoas que participam do filme são: Janine Antoni, Judith Baca, Judith Brodsky, Connie Butler, Judy Chicago, Mary Beth Edelson, Howard Fox, Susan Grode, Guerrilla Girls, Harmony Hammond, Alanna Heiss, Lynn Hershman Leeson, Miranda July, Mike Kelley, Joyce Kozloff, Robert Kushner, Suzanne Lacy, Sheila Levrant de Bretteville, Lucy Lippard, Howardena Pindell, Yvonne Rainer, Maura Reilly, B. Ruby Rich, Faith Ringgold, Rachel Rosenthal, Martha Rosler, Moira Roth, Elizabeth Sackler, Miriam Schapiro, Carolee Schneeman, Lowery Sims, Sylvia Sleigh, Nancy Spero, Marcia Tucker, Camille Utterback, Cecilia Vicuña, Faith Wilding, Martha Wilson.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

O filme explicita a necessidade da construção de diálogos, uma das formas encontradas para que o movimento feminista introduza reflexões no meio artístico e passe a integrar a história da arte. Ressalta-se, ainda, o fato de que a produção cinematográfica acerca da história da arte feminista é escassa, mesmo que o cinema seja um dos grandes difusores de informação na atualidade. A análise do documentário foi acompanhada de uma revisão bibliográfica sobre arte contemporânea, tendo por base produções científicas sobre arte e feminismo.

!Women Art Revolution: um documentário sobre arte e feminismo

Lançado em 2010, no 35º Festival Internacional de Cinema de Toronto e em 2011 nos Estados Unidos, *!Women Art Revolution* é um documentário que reúne aproximadamente trinta anos de pesquisas em torno da arte feminista. Movimento que engatinhava entre os anos 1960 e 1980 ao redor do mundo. Idealizadora do filme, a artista e diretora Lynn Hershman Leeson (1941-), coletou centenas de horas de entrevistas, antes não documentadas, com as mais diversas especialistas do mundo da arte contemporânea, tais como: artistas, curadoras, críticas de arte ou historiadoras, e demais pessoas que contribuíram para que o Movimento de Arte Feminista existisse e pudesse inserir mais mulheres nesse ambiente que, até então, era pautado por uma hegemônica participação masculina (STANFORD, 2019).

Em relação à arte produzida por mulheres, Talita Trizoli (2008, p. 1498) destaca que “[...] a arte de cunho feminista não é de maneira alguma um movimento estético dentro da Arte, mas sim um modo de interagir com o mundo e seus respectivos reflexos representacionais”, ou seja, não é um movimento de estilo, mas de conteúdo. De acordo com Paulo Silveira:

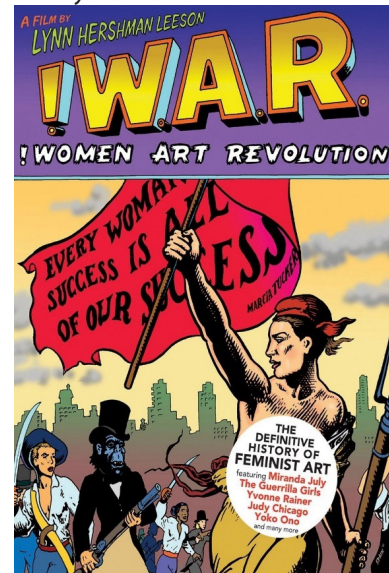
O movimento de arte feminista estadunidense, braço mais visível do feminismo internacional, teve seu início na segunda metade dos anos 1960, sobretudo nos últimos

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

anos, com seu auge na década de 1970, lado a lado com outros movimentos contra a guerra e pelos direitos civis. Está diretamente associado à chamada “segunda onda” do feminismo. Era (e segue sendo) eminentemente político e abertamente programático. Nova York, já estabilizada como principal centro artístico internacional, hospedava grupos organizados, como o Art Worker’s Coalition (AWC, sem gênero, mas majoritariamente masculino, janeiro de 1969 a fins de 1971), sua sucessão, o Women Artists in Revolution (WAR, de 1969 até 1972, em sua principal fase, prosseguindo até 1978), e a AIR Gallery (de “artists in residence” e da pronúncia do sobrenome de Jane Eyre, personagem-título de livro de Charlotte Brontë), fundada em 1972 e ainda atuante, primeira galeria e cooperativa de artistas mulheres nos Estados Unidos) (SILVEIRA, 2018, p. 2958-2959).

No documentário, cuja imagem do cartaz está reproduzida na figura 1, são intercaladas cenas das entrevistas realizadas por Leeson e imagens de arquivo, tanto das obras quanto das exposições de arte. Em algumas sequências a diretora tece linhas do tempo, as quais se entrelaçam a falas que interrompem a pré estabelecida ordem cronológica. São abordados temas que vão além da arte propriamente dita, pois o documentário mostra a relação do Movimento de Arte Feminista com eventos históricos ocorridos na década de 1960, evidenciando como ele despertou ações feministas em torno de instituições culturais de grande renome e promoveu a criação de programas para o desenvolvimento da arte produzida por mulheres nas décadas posteriores.

Figura 1 - *!Women Art Revolution* (2010), Lynn Hershman Leeson



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt1699720/>

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

O filme, cujo título se baseou no coletivo *Women Artists in Revolution* (WAR)², mostra que as discussões de gênero, raça, classe e sexualidade mudaram com o emergir dessas artistas e esclarece que a criação de grupos como o *Feminist Art Program* e as *Guerrilla Girls* possibilitaram que museus e galerias fossem responsabilizados pela discriminação contra minorias, tendo mudado o futuro das novas gerações de artistas do final do século XX ao início do século XXI.

O pioneirismo de *Feminist Art Program*, *Womanhouse* e *Woman's Building*

A “segunda onda” do movimento feminista, anteriormente mencionada por Paulo Silveira, se solidifica nos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, enquanto a “primeira onda”, surgida no início do século XX, de acordo com Martha Narvaz e Sílvia Koller (2006) tratava de reivindicações de mulheres norte-americanas e europeias acerca de seus direitos civis. Naiara Bittencourt (2015) lembra que esta “segunda onda” denuncia, entre outras questões, que a estrutura patriarcal é a responsável pela opressão social dirigida às mulheres. Ao gerar reações controversas na sociedade, de acordo com Trizolli (2008), o cenário artístico não ficou distante dos impactos que a ascensão do movimento feminista provocou, sendo atingido diretamente pelas pautas ativistas levantadas pelas mulheres.

Segundo Andréa Coutinho e Luciana Loponte (2015), artistas mulheres buscaram organizar-se para que a desigualdade de gênero na arte fosse superada, ou seja: as mulheres lutaram pela presença feminina nos espaços de exibição e em produções de arte, locais historicamente protagonizados por homens. Tal acontecimento possibilitou uma nova visão sobre as mulheres, uma vez que tais

2 Grupo de artistas identificadas como feministas (Muriel Castanis, Juliette Gordon, Silvana Goldsmith, Carolyn Mazzello, Jacqueline Skiles, entre outras), que antes pertenciam ao ArtWorkers' Coalition (AWC), grupo artístico predominantemente masculino e que não protestava em prol das mulheres na época. Criaram o grupo WAR para que fossem discutidas questões de sexismo e preconceito de gênero dentro das artes (GAUTHIER, 2019).

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

representações artísticas foram realizadas sob o próprio ponto de vista feminino, levando em conta suas experiências pessoais e sociais.

De acordo com depoimentos do documentário, o trabalho em grupos foi a maneira que a maior parte das artistas encontrou para adentrar no cenário das artes, sendo que Judy Chicago (1939-) e Miriam Schapiro (1923-2015) são as artistas que criaram os primeiros coletivos de mulheres: o *Feminist Art Program*, o *Womanhouse* e o *Woman's Building*. Nesses espaços, mulheres artistas podiam discutir seu lugar na arte e na sociedade, mostrando suas obras e debatendo sobre vivências próprias, uma vez que não encontravam dados sobre a presença feminina na literatura ou na história da arte.

A invisibilidade feminina pode ser percebida nos primeiros minutos de !W.A.R., quando pessoas, no ano de 2006, são entrevistadas em frente ao Whitney Museu de arte Americana e, no ano de 2008, em frente ao Museu de Arte Moderna de São Francisco. A pergunta era se a pessoa entrevistada conseguiria citar o nome de três artistas mulheres. Muito embora estivessem em frente a museus de arte, os entrevistados tiveram dificuldades em encontrar a resposta, citando apenas o nome de Frida Kahlo.

É nesse cenário que em meados dos anos 1970, a artista Judy Chicago (1939-) funda o *Feminist Art Project*, cujo caráter era coletivo e experimental. Criado na atual Universidade Estadual da Califórnia, na cidade de Fresno, o grupo contava com a participação de mais quinze artistas, num coletivo que ficou conhecido por *California Girls* (MCA CHICAGO, 2019). Segundo Paulo Silveira (2018, p. 2960):

Juntas as participantes alugariam um estúdio fora do campus, “sem interferência masculina”, no centro da cidade, 1275 Maple Avenue, como extensão de suas atividades, em tempo integral, com base conceitual ou social, sem limitação de meios, sem

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

interferência masculina, fugindo da busca de desenvolvimento de habilidades nas técnicas tradicionais, mas “aprendendo a lidar com manifestações de poder”.

Em 1971, Chicago une-se a Schapiro, fundando o *Feminist Art Program* (Figura 2) no Instituto de Artes da Califórnia (CalArts), em Los Angeles; o grupo de Fresno segue na liderança de Rita Yokoi até 1973 e de Joyce Aikenaté, até 1992.

Figura 2. *Fresno Feminist Art Program*



Fonte: <https://judychicago.arted.psu.edu>

O grupo de Los Angeles contava com vinte e cinco integrantes, sendo dez delas integrantes do grupo original de Fresno. Adotavam as mesmas estratégias pedagógicas do grupo anterior, porém, haviam adquirido uma melhor estrutura e instrumentalização para seus experimentos (MCA CHICAGO, 2019; SILVEIRA, 2018).

No documentário Chicago relata que durante aquele período, nada relacionado aos homens foi estudado, pois isso já havia sido feito o bastante. Elas estavam, portanto, aprendendo sua própria

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

história e sua própria herança. A artista também menciona o uso da performance para a expressão artística, pois mesmo não havendo experiência anterior neste tipo de linguagem, as artistas possuíam a experiência de performar papéis dentro da sociedade. A artista Faith Wilding descreve o *Feminist Art Program de Fresno*:

[...] como conhecer uma galeria, como se apresentar para o mundo, você sabe, todas essas coisas que homens artistas fazem. Nos encontraríamos toda semana e escolheríamos um assunto e depois tentaríamos fazer arte a partir disso. [...] estávamos sentadas na plataforma conversando sobre essas ideias e esse homem veio da audiência e começou a me ameaçar. (WILDING in LEESON, 2010, 16'30") [tradução nossa]³.

As entrevistas mostram que não somente as artistas começaram a despontar através das discussões que estavam promovendo, mas que uma parcela de homens se sentia ameaçada e ofendida com esses movimentos artísticos. As artistas percebiam uma forte hostilidade acerca de seu programa de arte.

Entre 1971 e 1972, inspiradas pela historiadora de arte Paula Harper, Chicago e Schapiro participam da instalação *Womanhouse* (Figura 3), na qual as artistas, na maioria alunas do *Feminist Art Program* alugaram uma mansão abandonada em

Figura 3 - *The Kitchen*, Robin Weltsch



Fonte: <http://www.womanhouse.net>

³ [...] how to meet a gallery, how to present yourself to the world, you know, all of these things that artists men do. We would meet every week and we would choose a subject and then what we tried to do was to make art out of it. [...] we were sitting on the platform talking about these ideas and this man came off from the audience and started threatening me (LEESON, 2010, 16'30").

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Hollywood e nela permanecem durante dois meses. Nesse espaço, as artistas poderiam expressar suas experiências enquanto mulheres através da arte, exibindo-as ao longo das dezessete salas que compunham o local.

Silveira (2018) destaca que as organizadoras e mais vinte e seis artistas realizaram exercícios performáticos, dentre os quais destaca *Cock and Cunt Play*, uma pequena e cômica peça de Chicago, que trata do exercício de poder entre um pênis e uma vagina, e *Waiting*, um monólogo dramático de um poema escrito e declamado por Faith Wilding.

The Woman's Building foi um espaço criado, em 1973, por Judy Chicago, Sheila Lavant de Bretteville e Arlene Raven, com o intuito de incorporar atividades do *Feminist Art Program* e do *Feminist Studio Workshop*, os quais visavam uma educação de arte feminista (*Feminist Art Education*) através de uma escola de mulheres.

Figura 4. *The Woman's Building*



Fonte: <https://thewomansbuilding.org/>

Este espaço foi utilizado não apenas para produções artísticas, mas também para discussões de identidade, sensibilidade e condições sociais em torno da mulher, procurando colocar em diálogo tais reflexões socioculturais com as poéticas artísticas desenvolvidas e, assim, trazer de forma prática o lema “o pessoal é político” (THE WOMAN'S BUILDING, s/d, s/p).

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Compreende-se o *Feminist Art Education* como uma instituição interdisciplinar que visava mudanças sociais, buscando ampliar o impacto do movimento em espaços tradicionais ou não. Segundo Betty Brown (2011) o projeto tinha embasamento em metodologias não tradicionais, valorizando o trabalho colaborativo e coletivo. Completando quase duas décadas de atividades, o *Woman's Building* encerrou-se no ano de 1991 deixando o legado de “Meca do Feminismo”. Paulo Silveira (2018) pontua que o edifício foi declarado Monumento Histórico-Cultural de Los Angeles em junho de 2018.

Poéticas feministas: a necessidade de permanentes discussões

Diante das questões apresentadas, é possível associar as iniciativas feministas no campo da arte com o conceito de “epistemologia feminista”, abordado por Margareth Rago. Ao analisar o conceito de feminismo, ela esclarece que a epistemologia,

[...] define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos [...] (RAGO, 1998, p.3).

A crítica feminista à ciência denuncia seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista, uma vez que o conhecimento é construído a partir de um “conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência” (RAGO, 1998, p.4). Tais questões podem ser aplicadas ao contexto da arte contemporânea quando as artistas mulheres começam a produzir sob uma ótica feminista, trazendo, para a arte, novas perspectivas de mundo acerca das representações femininas.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Assim como acontece no campo científico com a inclusão da epistemologia feminista, também na arte o conceito de mulher não fica restrito a um determinismo natural e biológico, pois passa a considerar e permear fatores sociais, sexuais e étnicos, compreendendo o “ser mulher” como uma identidade construída pelas relações socioculturais.

Em estudos sobre feminismo e mulheres na arte contemporânea, Luana Saturnino Tvardovskas (2008) explicita que a representação da mulher na arte se modifica conforme o tipo de olhar masculino a ela dedicado. A pesquisadora se apoia em Griselda Pollock, historiadora feminista, cuja pesquisa se destaca por associar arte e relações socioculturais. Para a historiadora norte-americana, o território da arte, mesmo que pareça ser autônomo e livre, é cerceado por relações de poder. Ao destacar um olhar pautado nas questões de gênero, Pollock (apud, RAGO, 2003) destaca que é fundamental abandonar possíveis crenças acerca da neutralidade política das imagens.

Um dos maiores objetivos das artistas dos anos 1960 era o de ocupar e participar de espaços artísticos, até então predominantemente masculino. Tvardovskas (2008) destaca a obra de Whitney Chadwick, cujo estudo feminista da história da arte mostra que estas artistas pensam a inclusão no mundo da arte como uma maneira de promover mudanças sociais através de conhecimentos teóricos. Leeson (2010) relata ao final do documentário uma de suas experiências, em meados dos anos 1970, ao tentar adentrar o espaço das artes, e como a relevância de seu trabalho mudou conforme mais mulheres reivindicavam e conquistavam seu lugar:

É assim que a linha do tempo deste filme se parece. Eu percebi que a linha do tempo deste filme é de fato a minha própria linha do tempo. Publicar artigos sobre mim mesma resultou em uma exposição e em 1978 eu realmente vendi alguns trabalhos. Quando o comprador soube que eu era uma mulher, ele os devolveu dizendo que comprar arte feita por mulheres era um mau investimento. Não vendi nada pelos próximos dezessete anos. Trabalhos acumularam e foram armazenados embaixo de camas ou em armários. Para preservá-los, me ofereci para doar essas peças e outras cinquenta para um museu local.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Eles rejeitaram. Disseram que aquilo não era arte e que eu não conhecia o meu lugar. E se eu não pegasse de volta em três dias, eles as destruiriam. Trinta e cinco anos depois, aquele trabalho foi avaliado em nove mil vezes o preço de venda original e foi essa venda, juntamente com alguns filantropos instruídos que permitiram a conclusão deste filme (LESSON, 2010, 1:14':22") [tradução nossa]⁴.

O caráter ativista da atuação artística destas artistas contribuiu de modo essencial para a transformação dos espaços artísticos, tanto em relação aos sujeitos inseridos nesses espaços como nas produções de arte, visto que trouxeram novos questionamentos e perspectivas plurais da identidade feminina, abrangendo conceitos e interpretação de mundo. Portanto, o sistema de arte é, simultaneamente ao social, modificado pelas perspectivas e abordagens feministas.

Possuindo como objetivo geral a crítica à estrutura patriarcal e suas opressões impactadas na vida das mulheres, as artistas visam questionar e contrapor os espaços e papéis naturalizados aos gêneros, o conceito idealizado de feminino, como também a maneira com que a mulher é representada ao longo da história da arte. Tais ressignificações são reflexos da aproximação das artistas ao feminismo, pois puderam representar as experiências das mulheres sob seus próprios pontos de vista (COUTINHO; LOPONTE, 2015).

Foi com a iniciativa do *Feminist Art Program* e os demais espaços como o *Womanhouse* e o *Woman's Building* que as artistas encontraram um modo de tecer e fortalecer relações entre as profissionais da área, pois foi por meio dos projetos de coletividade que puderam conhecer umas às outras, assim

4 This is what the timeline of this film looks like. I realized that the timeline for this film is in fact my own timeline. Publishing articles about myself resulted in an exhibition and in 1978 I actually sold some work. When the buyer learned that I was female he returned the work saying buying woman's art was a bad investment. I sold nothing for the next seventeen years. Work accumulated and was stored under beds or in closets. To preserve it, I offered to donate these pieces plus fifty others to a local museum. They rejected it. They said it wasn't art and that I didn't know my place. And if I didn't take it back in three days, they would destroy it. Thirty-five years later, that work was appraised for nine thousand times the original sale price and it was that sale along with some enlighten philanthropists that enabled the completion of this film (LESSON, 2010, 1:14':22").

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

como as produções de cada uma. Estabelecendo uma rede de apoio, puderam discutir com mais clareza e embasamento a situação das mulheres na sociedade, desenvolvendo e abrangendo tais discussões em suas produções.

!WAR ressalta o coletivo ativista *Guerrilla Girls*, grupo formado em 1985 nos Estados Unidos, que denuncia de forma direta as desigualdades raciais e de gênero no meio artístico. Por meio de pôsteres (Figura 5) e outdoors revelam dados estatísticos, com nomes específicos de instituições, museus, curadores, e demais pessoas responsáveis por reforçar o sexismo e o machismo no campo da arte.

Figura 5 - As vantagens de ser uma artista mulher (1988), Guerrilla Girls

AS VANTAGENS DE SER UMA ARTISTA MULHER:

Trabalhar sem a pressão do sucesso
Não ter que participar de exposições com homens
Poder escapar do mundo da arte em seus quatro trabalhos como freelancer
Saber que sua carreira pode deslutar quando você tiver alguns anos
Estar segura de que, independentemente do tipo de arte que você faz, será rotulada de feminina
Não ficar presa à segurança de um cargo de professor
Ver as suas ideias tomarem vida no trabalho dos outros
Ter a oportunidade de escolher sua carreira ou a maternidade
Não ter que engasgar com aqueles charutos enormes nem ter que pintar vestindo ternos italianos
Ter mais tempo para trabalhar quando o seu homem lhe deixar por uma mulher mais nova
Ser incluída em versões revistas da história da arte
Não ter que passar pelo constrangimento de ser chamada de gênio
Ver sua foto em revistas de arte usando uma roupa de gorila

UMA MENSAGEM DE UTILIDADE PÚBLICA DAS **GUERRILLA GIRLS** CONSCIÊNCIA DO MUNDO DA ARTE

Fonte: <https://www.ufrgs.br/artevera/?p=1163>

As Guerrilla Girls são artistas ativistas feministas. Mais de 55 pessoas foram membras ao longo dos anos, algumas por semanas, outras por décadas. Nosso anonimato mantém o foco nos problemas e longe de quem possamos ser. Usamos máscaras de gorila em público e usamos fatos, humor e visuais ultrajantes para expor preconceitos étnicos e de gênero, além de corrupção na política, arte, cinema e cultura pop. Enfraquecemos a ideia de uma narrativa convencional, revelando o sub-histórico, o subtexto, o esquecido e o injusto. Acreditamos em um feminismo interseccional que combate a discriminação e apoia os direitos humanos de todas as pessoas e de todos os gêneros (GUERRILLA GIRLS, 2019, s/p) [tradução nossa]⁵.

5 *The Guerrilla Girls are feminist activist artists. Over 55 people have been members over the years, some for weeks, some for decades. Our anonymity keeps the focus on the issues, and away from who we might be. We wear gorilla masks in public and use facts, humor and outrageous visuals to expose gender and ethnic bias as well as corruption in politics, art, film, and pop culture. We undermine the idea of a mainstream narrative by revealing the understory, the subtext, the overlooked, and the downright unfair. We believe in an intersectional feminism that fights discrimination and supports human rights for all people and all genders* (GUERRILLA GIRLS, 2019).

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Ao adotar o termo *A(r)tivismo*, em voga desde 2003, Maria Alice Costa e Naiara Coelho (2018, p. 31) pontuam as intersecções que acontecem entre arte, sociedade e política. É a partir disso que as feministas discutem questões pessoais na esfera pública e que as artistas abordam temas singulares ao universo da mulher, apresentando novas linguagens em suas produções. Dentre as características evidenciadas por Coutinho e Loponte (2015, pp. 182-183), destacam-se:

[...] o controle do próprio corpo, o fortalecimento de uma identidade própria, a sexualidade, a maternidade, a violência contra mulheres, os padrões impostos socialmente, a violação, a alienação do trabalho doméstico, a dupla jornada de trabalho, os estereótipos femininos difundidos pelas mídias e outras temáticas recorrentes.

As principais linguagens utilizadas no desenvolvimento de poéticas artísticas são a fotografia, o vídeo, a instalação e a performance, sendo que boa parte das obras têm o corpo como suporte primordial. A subjetividade e a auto-representação utilizadas pelas artistas mostram uma forte relação entre sujeito-artista e os temas escolhidos na produção. Nesse sentido, inserem materiais não convencionais em suas produções, como “rendas, agulhas, absorventes, fraldas, mamadeiras, cabelos, maquiagens, tecelagens, vestimentas, roupas íntimas, leite, menstruação, entre outros” (COUTINHO; LAPONTE, 2015, p.185), os quais remetem a práticas que caracterizam o universo feminino.

Considerações finais

O documentário !WAR mostra que o afino das ativistas das décadas de 1960 a 1980 é um marco no que concerne à conquista dos direitos das artistas mulheres. No final do documentário, a artista Janine Antoni, uma das entrevistadas, enfatiza que: “as mulheres dos anos 1970 trabalharam

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

muito por algo que eu estou me beneficiando, que sinto que tenho apoio, que sou parte de um diálogo” (ANTONI in LESSON, 2010, 1:15’:19”) [tradução nossa]⁶. Ao pontuar que ainda se tem muito por fazer no que tange à presença feminina na arte, a artista lembra que esta é uma luta que está longe de atingir o seu fim, pois os dados constantemente levantados pelas *Guerilla Girls*, informam que a presença de homens em exposições e acervos, ainda é majoritária.

Mesmo que grande parte das artistas da época, as quais lutaram pela melhoria de suas condições e das possibilidades de inserção de outras mulheres nas artes, possa não ter usufruído de suas conquistas em vida, elas foram e continuam sendo grandes referências para as novas gerações.

O filme evidencia que os dados relatados são apenas uma pequena parcela da arte feita por mulheres, pois registra dados de artistas que atuam nos Estados Unidos. O documentário também aponta a grande perda ou a falta de registros em relação a nomes e trabalhos feitos por mulheres ao longo da história da arte, sendo necessárias maiores investigações acerca de artistas mulheres ao redor do mundo.

!WAR abrange apenas trinta anos da produção de artistas, sendo este apenas um fragmento da história da arte feita por mulheres no mundo. Assim como relatado no filme, a maior parte dessas produções foi perdida ou nem sequer foi registrada. Muitas vezes obras de mulheres são creditadas a artistas homens, omitindo o nome das artistas e levando-as a serem ignoradas nos processos de construção da história da arte.

O estudo mostra, ainda, que as produções cinematográficas referentes à arte contemporânea produzidas por mulheres são escassas e que seriam necessárias maiores investigações para que, aos poucos, sejam construídos maiores referenciais e produções científicas acerca do assunto.

⁶ *Women of the 70's worked very hard for something that I am benefiting from that I feel like I have support, that I am a part of a dialog* (ANTONI in LESSON, 2010, 1:15’:19”).

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

Muito embora as entrevistas do filme tenham sido realizadas há mais de uma década, a resposta para a pergunta acerca de nomes de mulheres importantes na produção de arte, se feita nos dias atuais, certamente encontraria dificuldades para ser respondida por um público não especializado. Para modificar este panorama, é fundamental que as mulheres artistas continuem tratando das questões femininas em suas produções e buscando o diálogo com outras mulheres. Só assim, pode-se almejar um futuro no qual o campo da arte tenha subsídios suficientes para compreender as diferenças entre as obras de arte produzidas por homens e por mulheres, respeitando as respectivas singularidades das distintas abordagens poéticas.

Referências

- BITTENCOURT, Naiara Andreoli. Movimentos Feministas. **Revista InSURgência**, Brasília, ano 1, v.1, n.1, jan./jun. 2015.
- BROWN, Betty Ann. **Feminist Art Education at the Los Angeles Woman's Building**. Site to Vision, the Woman's Building in Contemporary Culture. Sondra Hale and Terry Wolverton, Eds. Ben Maltz Gallery, Otis College of Art and Design, 2011.
- COSTA, Maria Alice; COELHO, Naiara. A(r)tivismo feminista – intersecções entre arte, política e feminismo. In: **CONFLUÊNCIAS** | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito. Vol. 20, n° 2, 2018, pp. 25-49.
- COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Artes Visuais e Feminismos: Implicações Pedagógicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23 (1): pp.181-190, janeiro-abril/2015.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

GAUTHIER, Olivia. Criticism: A Feminist Reckoning. **Art in America**. Disponível em: <https://www.artnews.com/art-in-america/features/criticism-cindy-nemser-63624/>. Acesso em: nov. 2019.

LYNN HERSHMAN. **Women Art Revolution**. Disponível em: <http://www.womenartrevolution.com/>. Acesso em: 8 nov. 2019.

MCA CHICAGO. Feminist Art Program. Disponível em: <https://mcachicago.org/Publications/Websites/West-By-Midwest/Research/Topics/Feminist-Art-Program> Acesso em: 17 nov. 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.). **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SILVEIRA, Paulo. A edificação de uma identidade da arte feminista em Fresno e Los Angeles na primeira metade dos anos 1970. 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. **Anais...** São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2957-2969.

STANFORD UNIVERSITY. **!Women Art Revolution**. Disponível em: <https://exhibits.stanford.edu/women-art-revolution> Acesso em: 9 nov. 2019.

WOMEN ART REVOLUTION (!WAR): o filme de Hershman Leeson sobre a presença feminina nas Artes Visuais

THE WOMANS' BUILDING. **A Brief History**. Disponível em: <[https:// thewomansbuilding.org/history.html](https://thewomansbuilding.org/history.html)> Acesso em: 9 nov. 2019

TRIZOLI, Talita. O Feminismo e a Arte Contemporânea - Considerações. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. **Anais...** Florianópolis: 2008.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Rosários e vibradores: interferências feministas na arte contemporânea. In: Margareth Rago e Pedro P. Funari (orgs.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

Women Art Revolution limited (2010). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MyKmVo5jDdQ>>. Acesso em: 17 nov. 2019.